

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES E TECNOLOGIAS

CAMILA VIEIRA DE SOUSA GURJÃO

PRODUÇÃO DE VÍDEO NA SALA DE AULA - O USO DA LINGUAGEM
CINEMATOGRAFICA NA OFICINA DE CINECLUBE, EM UMA ESCOLA DE
CAMPINA GRANDE/PB, COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

RECIFE

2019

CAMILA VIEIRA DE SOUSA GURJÃO

PRODUÇÃO DE VÍDEO NA SALA DE AULA - O USO DA LINGUAGEM
CINEMATOGRAFICA NA OFICINA DE CINECLUBE, EM UMA ESCOLA DE
CAMPINA GRANDE/PB, COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes e Tecnologias.

Orientador: Prof. Ms. Uirá Rupert Moreira Cruz e Costa Agra

RECIFE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G979p Gurjão, Camila Vieira de Sousa
Produção de Vídeo na Sala de Aula: O uso da linguagem cinematográfica na Oficina de Cineclube, em uma Escola de Campina Grande/PB, como prática pedagógica / Camila Vieira de Sousa Gurjão. - 2019.
45 f. : il.
- Orientador: .Uirá Rupert Moreira Cruz e Costa Agra.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós Graduação em Artes e Tecnologias, Recife, 2019.
1. Práticas pedagógicas. 2. Cineclube. 3. Vídeo. 4. Estudo de Caso. I. Agra, .Uirá Rupert Moreira Cruz e Costa, orient. II. Título

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo relatar um estudo de caso do processo de inserção e uso de recursos videográficos, para ensino cinematográfico, na oficina de cineclube na Escola Estadual Dom Luiz Gonzaga Fernandes (Campina Grande/PB) dentro do projeto Novo Mais Educação do Governo Federal. Neste estudo são apresentados os fundamentos teóricos que embasam a inserção do vídeo em sala de aulas, tais como MORAN (1995), FERRÉS (1996), e outros autores que ajudam na implantação da metodologia da prática, assim como os procedimentos metodológicos usados em sala de aula, na relação aluno e professor. Observou-se que a prática de criação de vídeos em sala de aula facilitou o diálogo com os alunos, aproximando o ensino à vivência do alunado.

Palavras-chave: 1. Práticas pedagógicas; 2. Cineclube; 3. Vídeo; 4. Estudo de Caso.

ABSTRACT

The present paper aims to report a case study of the process of insertion and use of videographic resources, for cinematographic teaching, in the cineclub workshop at the Luiz Gonzaga Fernandes State School (Campina Grande / PB) within the Government's New Education Project Federal. In this study we present the theoretical foundations that support the insertion of video in classroom, such as MORAN (1995), FERRÉS (1996), and other authors who help in the implementation of the methodology of practice, as well as the methodological procedures used in the classroom the student and teacher relationship. It was observed that the practice of creating videos in the classroom facilitated the dialogue with the students, bringing the teaching close to the experience of the student.

Keywords: 1. Pedagogical practices; 2. Movieclub; 3. Video; 4. Case study.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	7
1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	12
2. 1. Objetivo geral	12
2. 2. Objetivos específicos	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4. METODOLOGIA	20
5. DESENVOLVIMENTO	22
6. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS	35
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA A CRIAÇÃO DE ROTEIRO	38
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO FINAL DA OFICINA	39
APÊNDICE C -RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO FINAL DA OFICINA	40
APÊNDICE D - PLANO DE AULA APLICADO NESSA EXPERIÊNCIA	42

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Pôster do documentário Pro Dia Nascer Feliz (2005), Dir João Jardim. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pro_Dia_Nascer_Feliz_(document%C3%A1rio)#/media/File:ProDiaNascerFeliz.jpg	10
Figura 2 – Trabalho extra-classe da oficina de Cineclube da Escola Dom Luis Fonte: acervo pessoal	22
Figura 3 – Sala de vídeo da Escola Dom Luis Fonte: acervo pessoal	24
Figura 4 – Explicações dos filmes no quadro branco Fonte: acervo pessoal	25
Figura 5 – Alunos do 8º e 9º ano reunidos para criação do cenário no quadro branco. Fonte: acervo pessoal	26
Figura 6 – A storyboard for The Radio Adventures of Dr. Floyd episode #408 drawn by Tom Ray. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Storyboard#/media/File:Storyboard_for_The_Radio_Adventures_of_Dr._Floyd.jpg	28
Figura 7 – Sugestão de perguntas para ser feita Fonte: acervo pessoal	29
Figura 8 – Tabela de planificação utilizada na linguagem cinematográfica. Fonte: https://azulbananastudio.files.wordpress.com/2012/06/planos.jpg	30
Figura 9 – Entrevista na biblioteca alunos do 8º e 9º ano. Fonte: acervo pessoal.	31
Figura 10 – Relação dos grupos de alunos do 6º e 7º ano e seus entrevistados. Fonte: acervo pessoal.	32

1. INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem, assim como a relação aluno/professor, sempre apresentou diversas dificuldades, decorrente disso muitos teóricos buscaram formas de sanar essas problemáticas, de modo distinto a depender da época. Problemas esses que são tanto estruturais quanto na relação dialógica entre professor e aluno.

No entanto, dentre outras atribuições, cabe ao professor o papel de mediar essa comunicação com o aluno e buscar ferramentas para que possa facilitar esse processo. Seja através de metodologias atualizadas ou por meio de materiais didáticos que evidenciem a dinamicidade do processo de ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Disciplina de Artes, para ensino fundamental¹ - PCN's (1998) define que os materiais didáticos, em geral esses cumprem a função básica de mediar o processo de ensino e aprendizagem e que os mesmos organizam e estruturam o conhecimento apresentado pelo professor. Esta definição de materiais didáticos, nos leva a considerá-los como um recurso das práticas pedagógicas utilizadas no ensino em sala de aula.

Hofstaetter (2015 p. 612), aprofunda a discussão sobre o material didático que proporcione uma boa aprendizagem aquele que: “(...)possa ser manipulado e articulado pelo aprendiz e que estimule o pensamento, a discussão, a ação, a criação, a imaginação”. Ela ainda acrescenta que a princípio é necessário levar em consideração o contexto onde esses alunos estão inseridos.

Pensando na produção de um material didático como recurso de uma prática pedagógica, que possa ser utilizado na oficina de Cineclube² dentro da escola de forma que estimule o pensamento do aluno, a criação, a imaginação e a participação do aluno chegamos então na ideia da utilização do vídeo na sala de aula.

¹ BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 1998.

² Cineclube é uma opção de oficina utilizado no programa do Governo Federal, O Novo Mais educação, que proporciona ao aluno, que tem déficit no desempenho escolar, além do reforço escolar, as práticas esportivas e o desenvolvimento na comunicação através da variedade no catálogo de oficinas do programa. Aconteciam às terças e quintas-feiras no âmbito escolar como aula.

Primeiramente é importante definir o que é um Cineclube³ e suas aplicações em sala de aula. Segundo o Site Observatório Cineclubista, criado por Cesisp, o cineclube é a união de pessoas com o objetivo de assistir a filmes para que em seguida possam discutir os aspectos técnicos do filme e suas temáticas. A discussão posterior ao filme vai depender da sua abordagem.

Sua aplicação em sala de aula tem como objetivo inserir os jovens na cultura cinematográfica com a realização de sessões de filme, nas quais leva-se em consideração o ensino da história do cinema, a linguagem cinematográfica e as técnicas utilizadas. É uma forma de permitir ao aluno o acesso à biblioteca audiovisual de maneira crítica, no qual é estimulado a refletir sobre o conteúdo visual assistido. O desafio dessa metodologia é que os alunos estão condicionados a assimilar conteúdo audiovisual sem nenhum interesse crítico, apenas como uma atividade recreativa.

Para podermos romper com essa forma de interpretação por parte dos alunos, inserimos, na condição de professora que fomos, a criação de vídeos como material didático que se caracteriza como um recurso da prática pedagógica. No nosso experimento proposto e estudado aqui, apresentaremos um estudo de caso sobre a criação de documentários com a participação dos próprios alunos como ferramenta para aprendizado da “escrita” do cinema.

Inicialmente a ferramenta vídeo foi inserida nas escolas como um recurso complementar das metodologias aplicadas nas salas de aula. Hoje vemos que a criação de vídeos realizadas pelos alunos podem ser considerados pelos professores, como mais um recurso de aprendizagem. Para isso, é necessário que os alunos sejam estimulados a criarem conteúdos de forma que agregue valor ao aprendizado através de uma metodologia que insira o vídeo como recurso de aprendizagem.

Do ponto de vista metodológico, a produção de vídeos dentro da sala de aula ajuda a desenvolver não apenas competências técnicas como saber operar uma câmera, mas também outros tipos de aprendizados como o desenvolvimento da criatividade, trabalho em equipe, resolução de problemas, proatividade, protagonismo, entre outros. Todas essas características estão inseridos no processo de ensino das artes, especificamente do cinema e devem ser uma prática interdisciplinar.

³ Site Observatório Cineclubista, O que é um cineclube. Cesisp. Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/cineclube/rtigos/o-que-e-um-cineclube/>>

Dessa forma, a utilização e a criação de vídeos com uma linguagem cinematográfica promove no aluno um contato eficaz com sua criatividade e seu protagonismo no processo de aprendizagem, ajudando assim, a criar novas aptidões como a alfabetização visual.

Ao falarmos da criação de vídeo como material didático na sala de aulas, mesmo que não seja em artes, temos que incluir nesse contexto uma análise de obras de artes (no caso filme), considerando suas particularidades para um bom entendimento do interpretar. Para isso é importante considerar a teoria da Ana Mae Barbosa⁴ que ressalta a abordagem triangular: ver, contextualizar e fazer.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos nossa experiência em sala de aula⁵ e cujo conteúdo programático foi o Filme “Pro Dia Nascer Feliz”, dirigido por João Jardim (2005), que traz como tema o sistema educacional brasileiro público e particular da época, nos levando a refletir o que se repete até os dias de hoje.

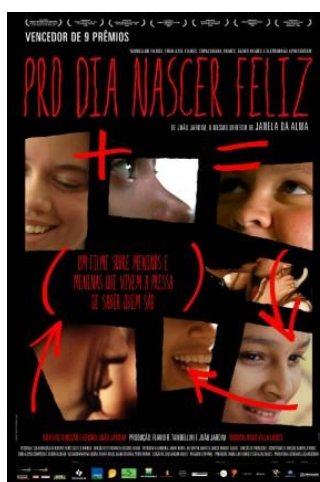


Figura 1 – Pôster do documentário Pro Dia Nascer Feliz (2005), Dir João Jardim.
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pro_Dia_Nascer_Feliz_\(document%C3%A1rio\)#/media/File:ProDiaNascerFeliz.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pro_Dia_Nascer_Feliz_(document%C3%A1rio)#/media/File:ProDiaNascerFeliz.jpg)

Em seguida, como metodologia de trabalho, iniciamos uma discussão sobre este filme e introduzimos o Gênero Documentário, sua linguagem e sua técnica. Introduzimos também a criação de um roteiro para a produção de vídeos.

⁴Ana Mae Barbosa é referência na arte educação, conhecida mundialmente pela sua contribuição bibliográfica no assunto.

⁵ Nossas aulas foram aplicadas na Escola Dom Luiz Gonzaga Fernandes, no Programa Novo Mais Educação, como vamos ver na metodologia do trabalho.

A partir do assunto discutido, realizamos a gravação dos vídeos que foram realizados em grupos. A exibição do material criado pelos alunos, aconteceu no final do período das aulas. Os detalhes desse processo iremos ver no desenvolvimento deste trabalho.

2. OBJETIVOS

2. 1. Objetivo geral

Propor um estudo de caso sobre a prática pedagógica em arte e educação e refletir sobre as possibilidades metodológicas que o uso e a produção de vídeo na sala de aula permite no processo de aprendizagem na oficina de cineclube.

2. 2. Objetivos específicos

- Relatar experiência vivida em uma escola Estadual do município de Campina Grande - PB;
- Evidenciar o vídeo como ferramenta de aprendizagem cinematográfica, usando a linguagem do documentário na oficina de cineclube;
- Propor novas metodologias para uma melhor comunicação entre aluno e professor;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No processo de ensino-aprendizagem é possível o uso de diversos recursos para facilitar o ensino, nesse estudo de caso propomos o uso do Cineclube como recurso pedagógico, desse modo, antes de nos debruçarmos diretamente em sua aplicação, acreditamos que seja importante definir conceitos, para que assim possamos apresentar o seu uso como recursos facilitador na comunicação entre aluno e professor.

Conceituando o que é vídeo, utilizamos a definição de Moran (1995, p. 2):

(...)O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. (...) O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão.

A definição que Moran nos traz o conceito de vídeo⁶ como ferramenta de escrita visual que permite a expressão através dessa ferramenta. Então, é uma possibilidade de utilizar como material didático dentro da sala de aula.

A linguagem do vídeo definida por Pires⁷ (2006, p.16):

A gramática do vídeo,(...). Não há uma tábua de valores ou uma gramática normativa que exponha o que se pode ou não fazer em vídeo, até porque se trata de um meio que possui um sistema híbrido, operando com diversos códigos significantes – do cinema, do teatro, da literatura, do rádio e, atualmente, da computação gráfica.

Como a autora define o caráter híbrido do vídeo. No estudo de caso relatado em nosso trabalho, a linguagem cinematográfica é utilizada como guia para aplicar o conteúdo de cineclube nessa prática da sala de aula.

Sobre a linguagem cinematográfica definida por RODRIGUES⁸ (2007. Pg. 25):

⁶ Tratamos esse termo Vídeo nesse parágrafo como ferramenta, por exemplo, o vídeo do celular, o vídeo da câmera de filmar e afins.

⁷ PIRES, E. (2006). A experiência audiovisual nos espaços educativos. Comunicação & Educação, 13(2), 15-22. disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42298/45969>>

⁸ RODRIGUES, Chris. O cinema e a produção. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

Entendemos por linguagem cinematográfica os termos técnicos pelos que trabalham em cinema e TV, de forma que possam obter uma uniformidade de comunicação. Infelizmente, não existe uma padronização definitiva para os diversos termos. Algumas vezes, um determinado nome para um plano pode ter um outro nome em países e lugares diferentes.

Essa definição de Rodrigues nos dá a possibilidade de trabalharmos as características do filme dentro da sala de aula. Utilizamos como complemento da linguagem híbrida do vídeo que é muito ampla e a linguagem cinematográfica, além de ser aplicado no ensino de cineclube, sistematiza o ensino.

Escolhemos o uso da ferramenta vídeo por causa da sua facilidade de manuseio e o baixo custo, diferentemente de uma película cinematográfica que demanda tempo e gastos superior ao uso do vídeo. No campo das artes o vídeo possibilita ser utilizado em diversos gêneros cinematográficos, por essas características, como a ficção, videoarte, animação, mas dentre eles escolhemos o gênero documentário por se tratar de um gênero que é bastante utilizado para relatar ou contar um fato e que sua narrativa está diretamente ligado, na maioria dos casos, informar o espectador.

Rabiger⁹ (2011, p.12-13) fala que o documentário surgiu da definição de John Grierson, considerado o pai do gênero que definiu assim:

O documentário como um “tratamento criativo da realidade”. Ele quis dizer que, se você usar sua criatividade para organizar e transformar fragmentos da realidade gravada em uma narrativa, você então produzirá um documentário.

O autor relata que o documentário é a captação da realidade através da criatividade do indivíduo, ou seja, ele é a forma do cineasta contar sua realidade a partir do seu ponto de vista, e acrescenta que as características de um de um filme documentário:

(...) investigam, analisam, alertam, evidenciam, exploram, observam, anunciam, informam, comunicam, explicam, educam, promovem, postulam, defendem, celebram, experimentam, esclarecem, transmitem, satirizam, chocam, protestam, lembram, revisam, profetizam, registam, concluem, conversam, libertam, revolucionam(...) O documentário vive no mundo real, faz um trabalho ativo e tem por objetivo agir sobre o público. (p.14)

Para o trabalho relatado pegamos a características de comunicar para definir a intenção da produção do documentário na sala de aula.

⁹ RABIGER, Michael. Direção de documentário. Tradução Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro. Elsevier, 2011.

Levando em consideração o fazer do vídeo na escola consideramos o conceito de Moran (1995, p.1)¹⁰ “Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional”. Essa prática nos ajuda a inserir o cotidiano do aluno como atividade para aprendizagem na escola, ou seja, o aluno já habituado a criar vídeos em seu cotidiano, criará vídeos em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem, de forma que seja condicionado a refletir de forma crítica essa criação.

Outro ponto que Moran considera em seu artigo “O vídeo na sala de aula” é a ligação do assistir filme com a televisão como entretenimento:

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. (p. 1)

Essa afirmação traz a problemática vista na sala de aula e enfatizada na introdução deste trabalho, o aluno ao ver o filme ou o vídeo não utiliza uma postura crítica ao que é assistido. Isso foi relatado em nosso estudo de caso com o início das aulas da oficina de Cineclubes. Essa condição acabou gerando a mudança de abordagem no processo de aprendizagem quando inserimos o vídeo nas aulas como prática.

Esse é um grande desafio para o professor, alfabetizar visualmente esses alunos para que eles possam interpretar o que eles assistirem. Segundo Ferrés (2008), um aluno visualmente alfabetizado é produto de uma escola que pensa em integrar o aluno na sociedade, capaz de criar ideias e interpretar fatos e acontecimentos a partir de uma visão crítica através dessa metodologia¹¹. Como afirma Juan Ferrés em entrevista para a revista contraponto:

“Este é o grande desafio da Educação em Comunicação Audiovisual, e esta é a reivindicação a qual não podemos renunciar. As autoridades acadêmicas devem compreender a necessidade de formar pessoas competentes em comunicação audiovisual, pessoas capazes de detectar as intenções e os efeitos do bombardeio de mensagens audiovisuais a que estão submetidas.” (2008, p. 310).

¹⁰ MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 2, p. 27-35, 1995. disponível em: <http://www.ufrgs.br/espmat/disciplinas/midias_digitais_II/modulo_I/textos/o%20video%20na%20sala%20de%20aula.pdf>

¹¹ FERRES, J. Entrevista. Contrapontos, Itajaí, v. 8, n. 2, p. 309-315, mai/ago, 2008

Pires (2006, p. 16) aponta uma resistência no ensino a cultura audiovisual dentro da escola:

No nosso sistema escolar, constata-se que não só existe o preconceito com relação à oralidade cultural, como também com relação à cultura audiovisual: uma atitude defensiva diante do desafio de reconhecer um novo ecossistema comunicativo, no qual emerge uma outra cultura, com novos modos de ler, ver, pensar e aprender.

A autora fala que a disseminação do conhecimento na área de comunicação é necessário observando o nosso contexto atual. Então, consideramos que o estudo desse campo de conhecimento, que pode ser também trabalhado no campo das artes por se tratar do fazer, é imprescindível na sociedade atual.

Pires fala que o trabalho com a linguagem audiovisual dentro da sala de aula facilita a relações entre o aluno e professor:

Nas relações sociais e nos espaços de interação criados pela linguagem audiovisual, as imagens do eu e do outro são vivenciadas de formas diferentes. Ao redimensionar sua autoridade, o professor recupera a relação lúdica com o instrumento técnico, diante do desafio de participar da aventura de construir com os alunos suas próprias imagens.(2006, p. 13)

Essa prática permite a ligação entre aluno e professor, reforçando laços que permite o fortalecimento de vínculos no processo de aprendizagem.

Como metodologia de ensino em artes existe a abordagem triangular da professora Ana Mae Barbosa aplicada na aprendizagem das artes visuais. Sua pesquisa foi iniciada dentro do Museu de Arte Contemporânea, da Universidade de São Paulo. Ela traz o aprendizado nas artes através do ver, entender e fazer arte

(...) o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados, e ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

Terem assim equilíbrio entre as duas teorias curriculares dominantes: a que centra na criança os conteúdos e a que considera as disciplinas autônomas com uma integridade intelectual a ser preservada. (BARBOSA, 1991, p. 35).

Nesse trecho do livro Ana Mae Barbosa no capítulo “A metodologia triangular: história da arte, leitura da obra de arte e fazer artístico” faz a apresentação de um modelo de

metodologia¹² da necessidade de educarmos as crianças para uma alfabetização visual analisando o cotidiano dessas crianças. Esse cotidiano é inserido de informações imagéticas no qual a criança tem que interpretar, por exemplo, quando assiste tv, quando ver um outdoor, como também as próprias placas de sinalização.

Essa abordagem metodológica é aplicada na inserção das práticas de vídeo dentro da oficina de Cineclube. Consideramos que o “ver” da abordagem para o vídeo é o assistir, o “entender” é a explicação do que é o documentário, qual sua linguagem, onde ela surgiu e de que forma é aplicada e por fim o “fazer” é levar todo o conhecimento teórico para a prática das filmagens.

Para Hofstaetter (2015), um bom material didático potencializa o processo de aprendizado nos alunos. Ela assim, define:

Os materiais didáticos envolvem a ludicidade, a interação entre sujeitos, a troca de experiências e conhecimentos, o compartilhamento de saberes e prazeres, ajudando a criar um ambiente de descontração, que propicia a participação e a descoberta, possibilitando efetivamente que o aprendiz torna-se o protagonista de seus processos de construção de conhecimento (p.608)

Partindo desse pressuposto do que é um material didático, consideramos essa ferramenta fundamental para o processo de cognição do conteúdo, permitindo ao aluno uma melhor experiência na assimilação de conteúdo. Onde esse processo se torna prazeroso para o aluno por proporcionar seu protagonismo nessa metodologia de ensino.

Aplicamos Hofstaetter na construção desse material para ser usado nas oficinas de cineclube. Proporcionando assim, uma maior participação dos alunos no processo de aprendizado da linguagem cinematográfica. Com o propósito de incentivar eles a participarem nas discussões oferecidas nessa oficina.

Sobre o processo do aluno como protagonista, o autor FERRÉS¹³ (1996. p.22-23) fala que na modalidade de videoprocesso, os alunos precisam participar das produções desde o início da fase de criação até o processo de montagem.

O videoprocesso é definido como a modalidade de uso na qual a câmara de vídeo possibilita uma dinâmica de aprendizagem em que os alunos se

¹²Nas publicações futuras, Ana Mae Barbosa afirmar que é uma abordagem do conteúdo e a metodologia quem faz é o professor.

¹³ FERRÉS, J. Vídeo e Educação. Tradução Juan AcuñaLlorens. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

sentem como criadores ou, pelo menos, como sujeitos ativos. Falar de videoprocesso equivale a falar de participação, de criatividade, de compromisso, de dinamismo. É uma modalidade na qual os alunos se sentem protagonistas. O vídeo nas mãos do próprio aluno.

Uma observação que devemos fazer sobre os conceitos aqui explicado é que tanto a definição do videoprocesso de Ferrés, a abordagem triangular Barbosa, a consideração sobre material didático e a importância da participação do aluno de Hofstaetter, todos falam da participação do aluno como elemento fundamental do processo.

A participação desse estímulo ao aluno é fundamental no processo, pois ajuda no processo de aprendizagem ativamente. Hofstaetter, fala sobre esse estímulo e acrescenta em seu artigo contribuições teóricas:

(...) de Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henry Wallon e David Paul Ausubel, que reportam a importância da experimentação e da ação no processo de aprendizagem, em que os materiais terão o papel de criar condições para que aconteça a construção de conhecimento por parte do aprendiz. Para que alguém construa conhecimento sobre determinado assunto, é necessário que existam conexões com conhecimentos anteriores e que este tema ou problema tenha significado atual. (p.615)

Devemos também salientar que essa participação está ligada ao sucesso desse processo:

A construção de conhecimento se dá na interação com o outro e com o meio, com a cultura. Implica em transformação e atuação sobre os saberes. A aprendizagem é um processo ativo, em que a estrutura cognitiva do sujeito estará em constante reajuste, de maneira criativa. O sujeito atua sobre o conhecimento, não apenas o “adquire”. Ele o transforma e lhe atribui significado. (p.615)

Tendo em vista esses apontamentos feitos, consideramos que a necessidade de utilizar o vídeo em sala de aula, se dá por motivos do seu baixo custo e a facilidade encontrada na execução, permitindo assim a acessibilidade para o uso dentro da sala de aula pelo professor.

Sendo o vídeo utilizado como ferramenta, inserimos a linguagem cinematográfica, no caso o gênero documentário, para fornecer aos alunos diretrizes de como desenvolver seus trabalhos práticos, pois o vídeo possui uma linguagem anárquica devido seu contexto.

Trazemos teóricos que falam sobre os benefícios da introdução de uma linguagem audiovisual para o processo de aprendizagem de forma a justificar a introdução dessa

linguagem para que possa gerar nos alunos um enriquecimento do seu repertório cognitivo, como também a aproximação do seu cotidiano.

A metodologia aqui exposta vem ser um guia para que possamos aplicar nas aulas de cineclube, devido o entendimento que o aluno tem de um filme ou uma obra audiovisual. Assim, partimos para a próxima etapa, onde mostramos a aplicação da metodologia no estudo de caso.

4. METODOLOGIA

Aqui descrevemos a metodologia usada para utilizar o vídeo como material didático para o aprendizado da linguagem cinematográfica. Como procedimento técnico do trabalho usamos o estudo de caso para delinear a problemática.

O estudo de caso aqui definido por Patton (2002) é a possibilidade de juntar informações minuciosas sobre o objeto de estudo. Podendo ser aplicado em estudos biológicos ou sociais. Utilizaremos o relato para descrever a ação do nosso objeto de estudo.

O local e a delimitação de pessoas que participaram das aulas de cineclube, foram os alunos do 6º ao 9º ano da Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Dom Luís Gonzaga Fernandes, localizado no bairro das Malvinas, no município de Campina Grande - PB. Para a descrição deste experimento, relatamos o trabalho de 2 (dois) meses durante o período de aplicação do mais educação nesta escola.

Como metodologia para aplicação do experimento utilizamos o conceito de HOFSTAETTER (2015) que fala sobre a criação de um material didático que consiga levar o aluno a ser protagonista no processo. Foi proposto a utilização de vídeos em sala de aula na modalidade de videoprocesso de Ferrés (1996), em que os alunos são os protagonistas da produção do vídeo, participando de todas as etapas do processo, desde a concepção da ideia até a edição das gravações, Moran (1995) com a aplicação do uso de um roteiro que guiará os aluno e Rabiger (2011) com os conceitos de ação do que é o gênero documentário.

Para a implementação da criação de vídeo documentário na sala de aula, como metodologia inserimos a característica dos Vlogs¹⁴, populares entre os jovens. Essa ação teve o intuito de trazer o que os jovens conheciam para falarmos sobre a linguagem cinematográfica e as características do documentário.

A escolha do tema “violência na escola” veio a partir de uma situação que ocorreu unidade de ensino. Uma briga entre alunos no período do intervalo tornou-se tema do experimento. Como forma de levar os alunos a refletir esse acontecimento de forma crítica através da criação de vídeos documentário.

A ação na sala de aula foi composta por dividir tarefas e cobrar prazos para a conclusão dos projetos. Ao final, o processo de exibição foi feita com a elaboração de perguntas (que se encontram no APÊNDICE C) que os alunos responderam no encerramento da oficina na escola naquele ano.

Dividimos a metodologia em três momentos, segundo a aplicação da abordagem de Ana Mae Barbosa. Na primeira aula assistimos ao documentário, nas aulas seguintes questionamos aos alunos suas impressões e explicamos o que é um documentário e assim mostramos exemplos.

Depois dessa introdução vimos, em sala de aula, formas de como planejar a execução da gravação e assim sugerimos a proposta das gravações com a sugestão de perguntas para compor o roteiro. Gravamos o material e ele acabou sendo editado por nós, devido a falta de estrutura para que se pudesse dar aula prática de edição. O material foi exibido nas últimas aulas junto do questionário de perguntas.

A análise dos dados que colhemos foi de forma qualitativa na qual analisamos o conteúdo produzido, com a descrição do processo de execução do projeto através do relatório, de forma que avaliamos a postura dos alunos quanto às atividades propostas. No próximo capítulo falaremos detalhadamente sobre essas etapas aqui descritas.

¹⁴Vlogs são modalidades de vídeo, no qual o apresentador fala sua opinião sobre determinado assunto.

5. DESENVOLVIMENTO

Neste item iremos detalhar como foi o processo de desenvolvimento do nosso objeto de estudo deste trabalho. A implementação do uso do vídeo na oficina de Cineclube no Programa Federal Novo Mais Educação, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luís Gonzaga Fernandes, na cidade de Campina Grande/PB.



Figura 2 – Trabalho extra-classe da oficina de Cineclube da Escola Dom Luis
Fonte: acervo pessoal

O Programa Novo Mais Educação é a ampliação da jornada escolar dos alunos com o objetivo de proporcionar uma melhora na aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental. Sendo uma estratégia do Ministério da Educação foi criado pela portaria MEC nº1.144/2016, de 10 de outubro de 2016, publicada no DOU de 11 de outubro de 2016.

Além do acompanhamento em língua portuguesa e matemática os alunos podem desenvolver atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer que potencializam a melhoria no desempenho educacional desses alunos, onde fica a critério da escola escolher as oficinas nessas áreas.

A escola foi selecionada pelo MEC/SEE-PB, em 2017, para participar do programa Novo Mais Educação, por ter um baixo desempenho de aprendizagem nos alunos do 6º ao 9º ano no período de 2016, no qual foram avaliados as notas dos estudantes. As oficinas selecionadas pela escola foram dança, judô e cineclubes além das aulas complementares de português e matemática.

A escolha dessas oficinas foi feita por parte da coordenação¹⁵ do programa dentro da escola como critério a existência de materiais físicos necessário para a realização das mesmas devido ao baixo orçamento para investimento dos recursos financeiros do programa.

Na escola o programa teve início em fevereiro, com o planejamento e diagnóstico dos alunos com baixo desempenho escolar, para serem atendidos no programa. Logo em seguida realizamos a captação dos mediadores¹⁶ e facilitadores¹⁷ com suas respectivas adesão e realização de reunião com os pais, com o objetivo de mostrar a sua importância na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos e consequentemente proporcioná-los avanços significativos durante a execução do mesmo.

As aulas de cineclubes, ministradas por nós, na figura de facilitadores no Programa, responsável pela realização das 7 (sete) horas de atividades de livre escolha da escola tinha o objetivo de inserir os jovens na cultura cinematográfica com a produção e realização de sessões cinematográficas no qual levamos em consideração a história do cinema, sua linguagem e sua técnica.

¹⁵ responsável pela coordenação e organização das atividades do programa na escola que responde ao Coordenador do programa no âmbito da Secretaria Estadual, Distrital e Municipal de educação.

¹⁶ responsável pela realização das atividades de Acompanhamento Pedagógico em Português e Matemática

¹⁷ responsável pela realização das 7 (sete) horas de atividades de livre escolha da escola.



Figura 3 – Sala de vídeo da Escola Dom Luis
Fonte: acervo pessoal

As exibições de filmes aconteciam na sala de vídeo nas terças e quintas-feiras. Com o decorrer das aulas, percebemos uma falta de interesse nos alunos. Eles demonstravam apatia durante as discussões em sala de aula sobre os filmes ou nas proposições de atividades.

Percebemos que nesse momento a inserção de um plano e uma estratégia era necessária. O quadro branco, a caneta e a televisão não eram suficientes para fazer essa comunicação professor/aluno. Nas informações contidas no caderno de orientação do programa Novo Mais Educação¹⁸ no Anexo A onde consta os materiais de cada oficina não existe descrição de materiais.

Assim, decidimos junto com a coordenação do programa na escola, inserir a prática como forma de auxiliar no processo de aprendizagem. Dessa forma, mudamos a estratégia para uma outra abordagem.

¹⁸ **Programa Novo Mais Educação Caderno de Orientações Pedagógicas.** Versão I. Ministério da Educação. Brasília, 2017.
disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70831-pnme-caderno-de-orientacoes-pedagogicas-pdf/file>> acesso em: 02/08/2019

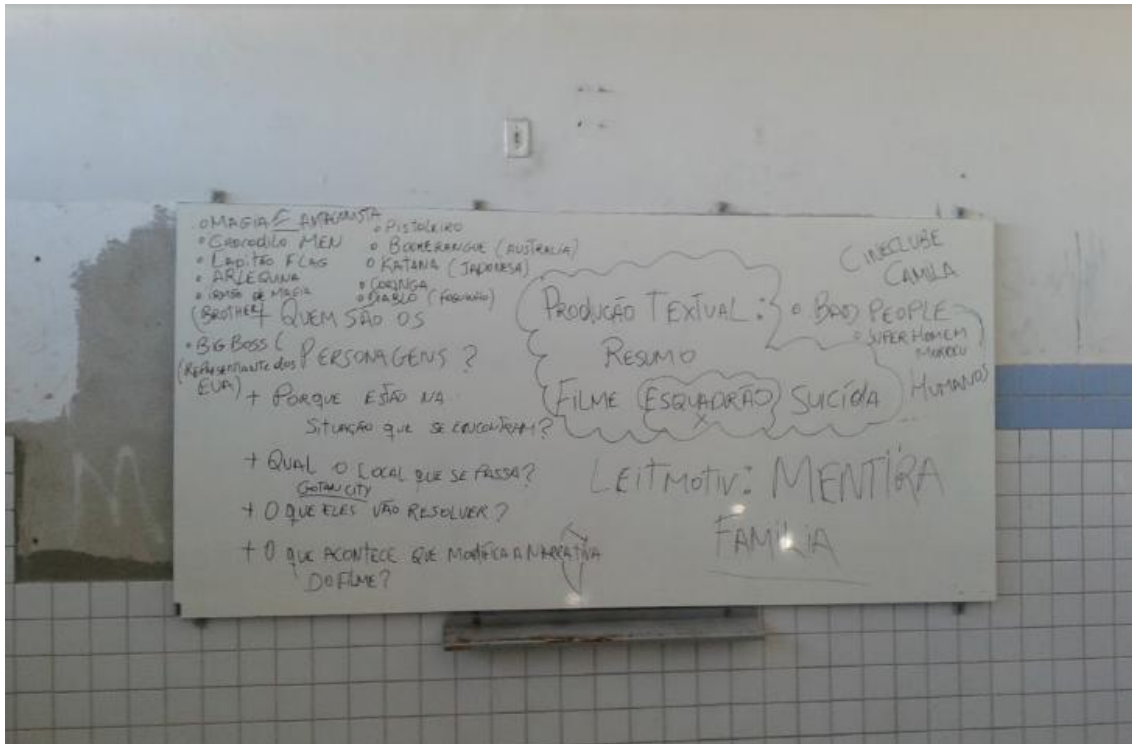


Figura 4 – Explicações dos filmes no quadro branco
 Fonte: acervo pessoal

Como plano tínhamos a metodologia da Abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, e como estratégia era utilizado a criação de vídeos dentro da sala de aula. A princípio inserindo essa produção a partir do conhecimento de produção audiovisual que os alunos tinham¹⁹.

Ao inserir os conceitos de HOFSTAETTER (2015) que abordam sobre um material didático que estimule o aluno a não apenas desenvolver uma atividade e sim criar, participar e refletir sobre o seu trabalho aplicamos essa forma de criação para os alunos da oficina de cineclube. Como também o conceito de participação do processo de criação de Ferrés (1996).

Segundo Ferrés, supracitado, o videoprocesso se faz necessário o engajamento dos alunos, para que eles se sintam protagonistas da criação dos trabalhos da atividade proposta em sala de aula.

A princípio, a inserção dessa metodologia se deu com a experimentação no trabalho desenvolvido em sala de aula com a linguagem utilizada nos vlogs. A escolha dessa linguagem foi por causa da aproximação dos alunos com essa linguagem, no consumo do cotidiano através dos *youtubers* famosos. Isso foi uma estratégia de aproximação com a comunicação cinematográfica para esses jovens.

¹⁹ no caso os vlogs.



Figura 5 – Alunos do 8º e 9º ano reunidos para criação do cenário no quadro branco.
Fonte: acervo pessoal

Percebemos que a partir desta ligação entre o que os alunos conheciam como produção de vídeo, poderíamos aprofundar o conteúdo para inserir características do cinema nos próximos trabalhos.

Após o recesso de Julho, começamos a direcionar as atividades. Iniciamos com a exibição do filme “Pro dia nascer Feliz”, Direção de João Jardim. Este documentário de 2006 conta a realidade de escolas em diferentes contextos sociais, escolas públicas e particulares na extensão do país. Ele traz os sentimentos que cada estudante dessas escolas tem, seja medo de violência, abandono dos pais, abandono do sistema educacional brasileiro, expectativas e projeções para o futuro.

Depois de assistir ao filme propusemos a atividade de elaboração de uma redação que abordasse os aspectos que tinham chamado a atenção do aluno; quais foram suas impressões; pontos negativos e positivos. Este documentário foi importante para os alunos perceberem problemáticas educacionais que se repetem nos dias de hoje.

Na semana seguinte, discutimos sobre as problemáticas abordadas nessa narrativa. Identificação do porquê esse filme se trata de um documentário, que segundo Rabiger (2011) o documentário é a realidade tratada de forma criativa. A partir disso introduzimos uma breve história do documentário. Falamos também, sobre a linguagem do cinema que se aplica ao gênero documentário e o que diferencia dos outros gêneros.

Com a necessidade de haver um envolvimento afetivo no processo de aprendizado, perguntamos aos alunos exemplos de documentários que haviam assistido. A resposta dos alunos foram poucas, por mais que os professores de outras disciplinas utilizem o conteúdo audiovisual de documentários em sala de aula o envolvimento dos alunos é mínimo, pois falta o engajamento e a participação dos mesmos no processo de aprendizagem. Como falamos a partir da teoria de Moran (1995).

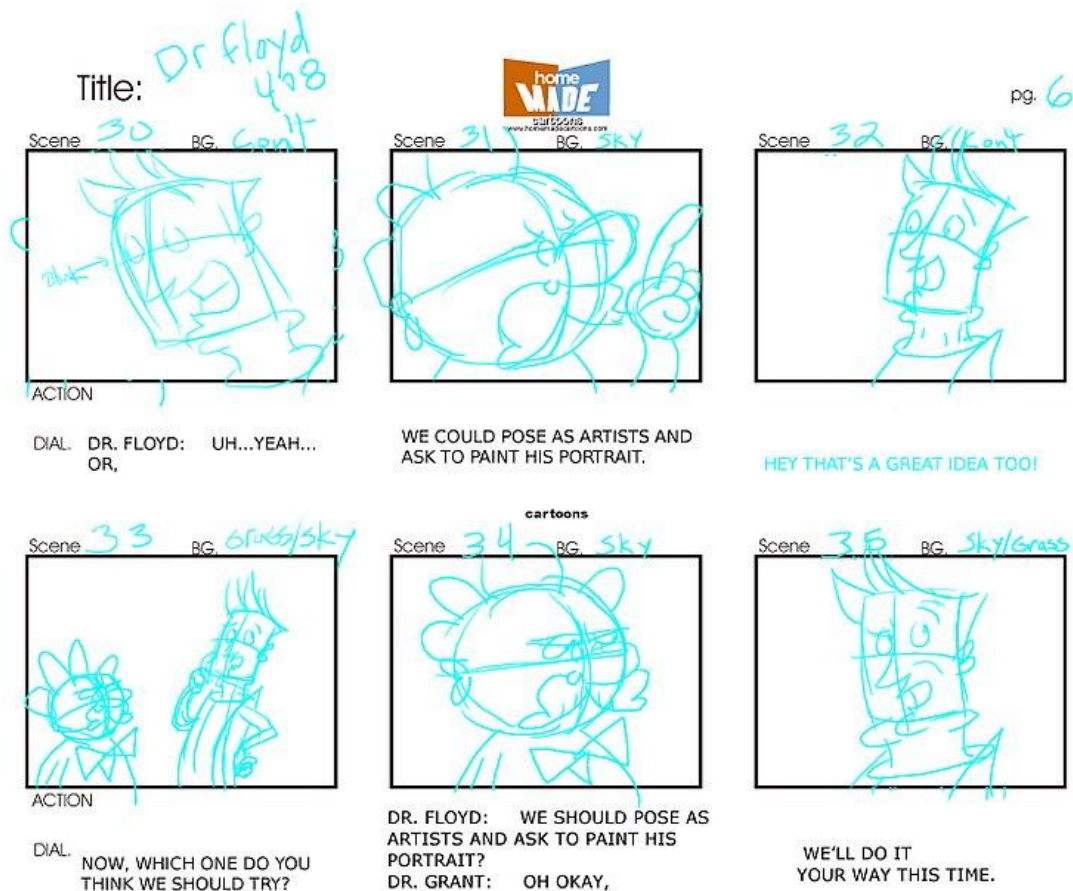


Figura 6 – A storyboard for The Radio Adventures of Dr. Floyd episode #408 drawn by Tom Ray. Fonte: https://https://pt.wikipedia.org/wiki/Storyboard#/media/File:Storyboard_for_The_Radio_Adventures_of_Dr._Floyd.jpg

Após a constatação do pouco contato com produções cinematográficas, no caso do gênero documentário, mostramos aos alunos exemplos de documentários e exibimos seus

trailers no caso de longa-metragem e o vídeo na íntegra dos curta-metragem. Exibimos o Ilha das Flores (1989), e o trailer de alguns documentários como: Pina (2012) e Muito Além do Peso (2012). Essa estratégia teve o objetivo de deixar o aluno familiarizado com essa linguagem do cinema documental que segundo Rabiger (2010) tem por características de gerar uma ação para o espectador, seja ele de informar ou até de entreter.

A partir dessa familiarização, iniciamos o planejamento de uma produção de cinema: construção do tema, sinopse, roteiro, personagens, cenário, planejamento das gravações, quais os personagens e storyboard. O material de exemplo disponível na figura 8.

1. QUAL A SITUAÇÃO ESTRUTURAL DA ESCOLA?
2. O QUE É VIOLÊNCIA?
3. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA?

Figura 7 – sugestão de perguntas para ser feita
Fonte: acervo pessoal²⁰

Nessa aula focamos mais na preparação para a gravação do roteiro. No quadro, sugerimos aos alunos o tema da produção que seria “Violência na escola” e fizemos sugestões de perguntas para eles fazerem com seus entrevistados como foi mostrado na imagem 6.

Pedimos aos alunos que selecionassem pessoas no intuito de saber qual a opinião delas, sejam as pessoas da direção da escola, funcionários ou alunos que se dispusessem a falar responder às perguntas propostas pelos alunos.

Antes deles irem filmar, orientamos sobre as possibilidades de gravação, qual o papel do entrevistador, qual o papel do cinegrafista e qual o papel do produtor. Falamos que o entrevistador e o produtor é que iriam recrutar pessoas para serem entrevistadas.

Durante a gravação, embora não seja a função do produtor, pedimos para os alunos que estivessem nessa função, controlar o fluxo de pessoas de forma que evitassem a passagem em frente da câmera e reduzir o nível de ruído. O entrevistador faria as perguntas e interagiria com o entrevistado e o Cinegrafista buscaria o melhor angulação para ser gravado.

²⁰ Imagem listada no APÊNDICE A









planos de acção	Plano Geral		-interesse de relação espacial entre personagem e cenário -plano descritivo
	Plano Geral Médio		-personagem e alguma relação com o que o rodeia -plano narrativo
	Plano Americano		-acção da personagem -plano narrativo e dramático
	Plano Médio		-misto de acção e de expressão -narrativo, dramático, psicológico -plano muito utilizado em T.V.
planos de expressão	Plano Próximo		-plano dramático, psicológico, expressivo
	Grande Plano		-a intimidade da personagem - a cara - plano expressivo
	Muito Grande Plano		-relação entre elementos da cara -plano expressivo, simbólico
	Plano de Detalhe		- plano simbólico, eventualmente expressivo <u>-atenção: a sua permanência pode transformá-lo em plano geral</u>

Figura 8 –Tabela de planificação utilizada na linguagem cinematográfica.
Fonte: <https://azulbananastudio.files.wordpress.com/2012/06/planos.jpg>

O material que utilizamos para a gravação dos vídeos foram as câmeras compactas que a escola disponibilizou para uso pedagógico. Sugerimos aos grupos que a função de cinegrafista, entrevistador e produtor fossem trocadas a cada novo entrevistado. No intuito de gerar experiências diferenciadas nos alunos e permitir a descoberta de novas habilidades.

Os entrevistados foram as pessoas que trabalham na escola, como o pessoal de apoio da biblioteca, as secretárias da escola e alguns alunos que se dispuseram a falar que se encontravam em intervalo.



Figura 9 – Entrevista na biblioteca alunos do 8º e 9º ano.
Fonte: acervo pessoal.

Acompanhamos os grupos e assistimos toda a abordagem e ao final sugerimos algumas dicas iniciais a respeito da linguagem cinematográfica de técnicas adequadas para a gravação, que caso alguém não tivesse interesse não insistisse. Não entramos no campo das planificações por causa que demandaria tempo das aulas teóricas.

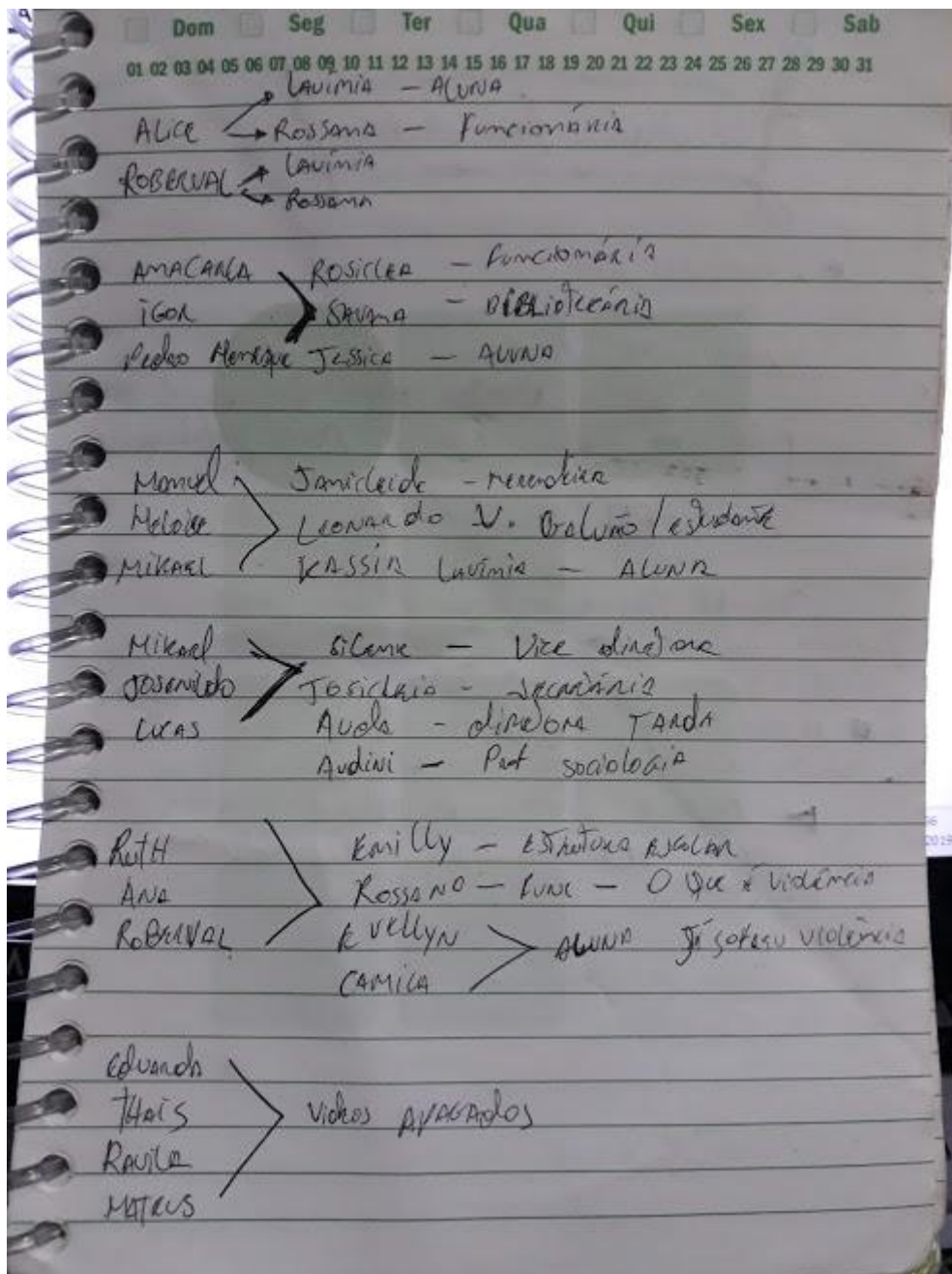


Figura 10 – relação dos grupos de alunos do 6º e 7º ano e seus entrevistados.

Fonte: acervo pessoal.

Ao terminar essa atividade percebemos a participação mais efetiva dos alunos nessa experiência. Isso valida o pensamento de HOFSTAETTER (2015) sobre o aprendizado como sendo um processo que demonstra a necessidade de haver a participação dos alunos e a interação com o meio, no caso estudado, a situação que ocorreu na escola.

Na semana seguinte, abrimos um espaço para que os alunos falassem o que acharam do processo de criação e gravação do documentário, das dificuldades encontradas, o que poderiam melhorar, qual função gostaram mais de exercer, entre outros.

Após essa atividade, não tivemos a possibilidade de editar o material junto dos alunos. A edição foi feita por nós para que na festa de final do ano pudesse ser exibido. Para que não perdêssemos o foco dessa experiência, foi feito um questionário de forma geral sobre o Projeto Novo Mais Educação.

Esse questionário²¹ tinha como propósito de responder o que os alunos aprenderam na oficina de Cineclube, entre outras questões sobre o projeto Novo Mais Educação. A resposta do questionário foi feita de forma anônima e manuscrita.

Sobre o trabalho em grupo, alguns deles tiveram uma dinâmica boa de entrosamento, na qual pareciam já terem trabalhado antes. No momento em que deixamos livre para escolher os grupos, o que proporcionou maior dinâmica para aqueles que já faziam trabalhos com seu grupo.

Teve a situação de alunos que não queriam fazer a atividade. A partir da conversa descobrimos que era por nunca terem manuseado uma câmera. Foi assim que, através do encorajamento com palavras, mostramos a esses alunos tivessem medo, pois estaríamos acompanhando eles para sanar qualquer dúvida e dar suporte. Após a conversa, esses alunos concluíram de forma satisfatória a atividade.

Tivemos casos de pessoas que só queriam ficar segurando a câmera. Quando questionados os porquês, alguns diziam que preferem ficar do outro lado, não aparecerem.

Acreditamos que a importância dessa oficina multidisciplinar, na qual os alunos são estimulados a pensar de forma crítica com o uso de discussões e produções de texto que a oficina de cineclube ao longo das aulas exigia, como também a experimentação de novas ferramentas de comunicação a partir do conhecimento da linguagem cinematográfica, gera o enriquecimento de repertório para o aluno.

Ainda no campo multidisciplinar, sabemos que o ensino em Artes andam de mãos juntas com a disciplina de história e com a capacidade cognitiva estimulada pela disciplina de português. Assim, um desafio seria trabalhar conteúdos que abrangesse essas três disciplinas de forma simultânea, proporcionando um ensino mais dinâmico para todas as disciplinas.

Por mais que o campo de conhecimento do Cineclube seja a área de comunicação, ao inserirmos a prática de criação de vídeo acabamos introduzindo a premissa da disciplina de

²¹ disponível no APÊNDICE B as perguntas e APÊNDICE C e D as respostas de alguns alunos

artes que é o ato de fazer. Essa perspectiva permite que a percepção que temos do ensino de artes de desenhar ou pintar se amplie, utilizando assim novas linguagens para que o aluno aprenda brincando trazendo ferramentas do seu cotidiano.

Se tratando do uso ou não das tecnologias no material didático é uma escolha do professor, no qual ele irá criar caminhos acessíveis que se adequam ao nível de aprendizado dos alunos. Como modo de avaliação é necessário definir objetivos a serem cumpridos e cada aluno vai ter seu caminho pessoal para atingir esse objetivo, sendo esse método de avaliação subjetivo para cada professor.

A estimulação do desenvolvimento cognitivo dos alunos permite que eles utilizem as linguagens cinematográficas aprendidas no seu cotidiano com a ajuda do celular que é uma ferramenta de produção que auxiliará no processo de captação de imagem.

Uma das conclusões dessa experiência é a necessidade de nos adaptarmos ao cotidiano dos alunos. Que quando nós cedemos para essas experiências, geramos no aluno a possibilidade de melhorar a comunicação entre professor e aluno e a forma de aprendizado.

4. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

Consideramos que toda a metodologia aqui aplicada corresponde aos objetivos da nossa pesquisa. Foi de grande satisfação fazer o estudo de caso sobre as práticas de ensino na oficina de cineclube.

Concluimos, também, que esse trabalho é uma forma de propagar as ideias de uso de material didático que tragam um diferencial para o aprendizado dos alunos. De forma que vemos que é possível utilizar o vídeo como uma ferramenta para o processo de aprendizado, desde que antes discuta-se sobre a sua finalidade e o cinema como linguagem que ajuda na comunicação.

A utilização do vídeo que se aproxima do cotidiano dos alunos foi de grande importância pois, permitiu ao aluno uma inserção do que ele faz no cotidiano para aprender sobre a linguagem cinematográfica no gênero documentário que foi estudado na oficina de cineclube.

Por fim, esse trabalho é uma forma de explorar a produção de materiais didáticos que surgiu na problemática da falta de interesse dos alunos, porém, é possível adaptar a diversos problemas que aparecem no processo de ensino e na relação aluno e professor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. 1a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Apresentação**. In: *Barbosa, A. M.; Cunha, F. P. (Orgs). A abordagem triangular no ensino de artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-27.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental**. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 1998.

FERRÉS, J. Entrevista. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n. 2, p. 309-315, mai/ago, 2008 disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/download/955/811>> acesso em: 22/01/2019.

_____. **Vídeo e Educação**. Tradução Juan AcuñaLlorens. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

HOFSTAETTER, Andrea. **Possibilidades e experiências de criação de material didático para o ensino de artes visuais**. In: *Anais do 24º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Nara Cristina Santos, Ana Maria Albani de Carvalho, Paula Viviane Ramos, Andréia Machado Oliveira (Orgs.). 1. Ed. Santa Maria: ANPAP, 2015. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf> acesso em: 25 fev. 2019.)

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 2, p. 27-35, 1995. disponível em: <http://www.ufrgs.br/espamat/disciplinas/midias_digitais_II/modulo_I/textos/o%20video%20na%20sala%20de%20aula.pdf> acesso em: 22/01/2019

OECHSLER, Vanessa. **Comunicação multimodal**: produção de vídeos em aulas de Matemática. Rio Claro, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154093/oechsler_v_dr_rcla.pdf?sequenc e=3> acesso em: 22/06/2019

O que é um cineclube. Site Observatório Cineclubista. Disponível em:
<<http://www.culturadigital.br/cineclubes/cineclube/rtigos/o-que-e-um-cineclube/>>. acesso em: 22/01/2019

PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods**, 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002

PIRES, E. (2008). **A experiência audiovisual nos espaços educativos**. Comunicação & Educação, 13(2), 15-22. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v13i2p15-22>
disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42298/45969>> acesso em: 22/01/2019

Programa Novo Mais Educação Caderno de Orientações Pedagógicas. Versão I. Ministério da Educação. Brasília, 2017.
disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70831-pnme-caderno-de-orientacoes-pedagogicas-pdf/file>> acesso em: 02/08/2019

RABIGER, Michael. **Direção de documentário**. Tradução Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro. Elsevier, 2011. Disponível em:
<<https://books.google.com.br/books?id=mXnlqX1tUbMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> acesso em: 22/06/2019

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007

Vídeo em aula: engajamento é maior quando alunos produzem os seus. Tatiana Klix. Site Nova Escola. Blog Tecnologia na Educação. 28 abr 2017
disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4927/blog-de-tecnologia-video-em-aula-engajamento-e-maior-quando-alunos-produzem-os-seus>> acesso em: 22/01/2019

APÊNDICE A – PERGUNTAS PARA A CRIAÇÃO DE ROTEIRO

1. QUAL A SITUAÇÃO ESTRUTURAL DA ESCOLA?
2. O QUE É VIOLÊNCIA?
3. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FINAL DA OFICINA

1. O QUE VOCÊ ACHA DO MAIS EDUCAÇÃO?
2. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DO MAIS EDUCAÇÃO? PORQUÊ?
3. QUAL A OFICINA QUE VOCÊ MAIS GOSTA? PORQUÊ?
4. VOCÊ GOSTA DA OFICINA DE CINECLUBE? PORQUÊ?
5. O QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER NESSA OFICINA? PORQUÊ?
6. VOCÊ GOSTA DE IR AO CINEMA? PORQUÊ?
7. QUAL O SEU FILME FAVORITO? PORQUÊ?
8. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA OFICINA DE CINECLUBE?
9. O QUE VOCÊ APRENDEU NA OFICINA DE CINECLUBE?

APÊNDICE C – RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO FINAL DA OFICINA

1) Você quer pedir de mais educação
ou um incentivo a mais para os alunos

2) Você quer mais gastos na mais
educação? Porquê

Das professoras, Porque elas não fiquem

3) Qual a oficina que você mais gosta?
Porquê?

A oficina de Português, gosto de ler

4) Você gosta da oficina de Cinclute?
Porquê?

Sim, porque da passa filmes.

5) Você quer gostaria de fazer nessa
oficina? Porquê?

Aprender a como editar vídeos, porque
tenho um canal e não sei editar.

6) Você gosta de ir ao cinema? Porquê?

Sim, pra descontração.

7) Qual seu filme favorito? Porquê?

Guerra Infinita, porque é o melhor
filme.

8) Você quer mais gastos da oficina de
Cinclute?

Assistir filmes

9) Você quer aprender na oficina de cinclute
Como é feito um filme.

Questionário

1-) Com movimentos melhos a parte.

2-) É professora de dança, porque ela é muito legal também muito bonita.

3-) Dança, porque exerce os instrumentos.

4-) Sim, porque assistimos filmes.

5-) Assistir, porque é bom.

6-) Claro que sim, porque é ótimo lá.

7-) A volta das que não foram, porque é bonito.

8-) Da professora, porque ela passa temas legais.

9-) Que nos pedem os diretores de peças e filmes, etc.

PLANO DE ENSINO

I – IDENTIFICAÇÃO

DISCIPLINA: **A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COM FERRAMENTAS MOBILE**

DOCENTES RESPONSÁVEIS: **CAMILA VIEIRA DE SOUSA GURJÃO**

II - EMENTA

A disciplina tem a pretensão de fornecer embasamento teórico e prático para que os alunos possam criar e posteriormente identificar de forma crítica todo o processo de produção de cinema/vídeo.

III - OBJETIVOS

Geral

O objetivo dessa aula é proporcionar o aluno a experimentação cinematográfica através de aulas práticas e teóricas, no qual o aluno será capaz de organizar uma produção para se expressar através do vídeo.

Específicos

- Experimentar a linguagem cinematográfica
- aprender sobre as teorias básicas de cinema
- Desenvolver seu protagonismo no aprendizado

IV - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Filme: “Pro dia Nascer Feliz” doc, 2004.
2. Discussão sobre o filme
3. Documentário
4. Como se faz um documentário (Confecção de Roteiro)
5. Gravação do roteiro (diretrizes básica para a gravação)
6. Discussão sobre a atividade
7. Exibição das atividades

V – MÉTODOS DIDÁTICOS DE ENSINO

Quadro branco, tv, aparelho multimídia, celulares, câmera de filmar, vídeos. Caso o aluno não possua um celular para a gravação irá realizar o trabalho com a câmera compacta da escola.

VI - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Avaliação contínua e a auto-avaliação.

VII - CRONOGRAMA

DATA	CONTEÚDO
18/07/2017	Início da disciplina
Semana 1 (18/07 a 20/07)	Filme para reflexão: "Pro dia Nascer Feliz" doc, 2004.
Semana 2 (25/04 a 27/07)	Discussão sobre o filme da 1º semana. Informações do gênero documentário. Exemplos práticos.
Semana 3 (01/08 a 03/08)	Confecção de Roteiro passo-a-passo Gravação do roteiro (diretrizes básica para a gravação)
Semana 4 (07/08 a 9/08)	Discussão sobre a atividade
Semana 5 (13/08 a 15/08)	Exibição das atividades e auto-avaliação final.
15/08/2019	Encerramento da disciplina

VIII – REFERÊNCIAS

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997
MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 2, p. 27-35, 1995.

disponível em:

<http://www.ufrgs.br/espmat/disciplinas/midias_digitaIs_II/modulo_I/textos/o%20video%20na%20sala%20de%20aula.pdf>

PIRES, E. (2008). **A experiência audiovisual nos espaços educativos**. Comunicação &

Educação, 13(2), 15-22. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v13i2p15-22>

disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42298/45969>>

Etapas da produção de vídeos por alunos da educação básica: uma experiência na aula de matemática. Revista Brasileira de Educação básica. Vanessa Oechsler, Bárbara Cunha Fontes, Marcelo de Carvalho Borba. disponível em:

<<https://reducacaobasica.com.br/etapas-da-producao-de-videos-por-alunos-da-educacao-basica-uma-experiencia-na-aula-de-matematica/>>

OFICINA DE CINECLUBE

ORIENTADOR: **CAMILA VIEIRA DE SOUSA GURJÃO**

PÚBLICO ALVO: **Ensino Médio**

SEMANA 01:

Exibição do filme: "Pro dia Nascer Feliz" doc, 2004. Trata-se da relação do adolescente com a escola, focando também a desigualdade social e a banalização da violência. O filme mostra o cotidiano escolar de uma região extremamente pobre em Pernambuco, outra precarizada no Rio de Janeiro, umas em situação de barbárie em São Paulo, uma em estado razoável em Itaquaquecetuba (SP) e uma escola de elite de São Paulo. Há uma nítida opção pelo aluno, mostrando jovens pressionados em busca de resultados, outros abandonados física e afetivamente pelos pais, submetidos a um conflito de gerações com os professores, abandonados por uma escola que muitas vezes nem aula tem. Mostra que há angústias comuns entre os jovens de todas as classes, mas um abismo social que os separa.

Propondo a atividade de elaboração de uma redação falando o que você achou do filme.

SEMANA 02:

Discussão sobre o filme abordando as problemáticas abordadas nessa narrativa.

Identificação do porquê esse filme se trata de um documentário.

Breve história do documentário. Linguagem do documentário. Abrir a discussão aos alunos e pedir exemplos de documentário. Exemplos: Ilha das Flores (1989), Pina (2012) e Muito Além do Peso (2012).

SEMANA 03:

Fazendo uma produção de cinema; Construção do tema; sinopse; roteiro; personagens; cenário; planejamento das gravações; quais os personagens; storboard.

Gravação do roteiro

Como fazer as perguntas; Em que cenário o entrevistado vai falar; qual a posição da câmera; Captação do áudio; separar a turma em grupos e distribuir as funções; saída a campo para gravação do tema sobre violência na escola

SEMANA 04:

Discussão sobre a atividade;

SEMANA 05:

Exibição das atividades, cada equipe vai falar como foi o trabalho as dificuldades e as soluções encontradas e auto-avaliação final.